

PREOCUPAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA O PLANEJAMENTO: o curso ministrado por Lebrete na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1947)

EIXO TEMÁTICO 1: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

CESTARO, Lucas Ricardo

Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Professor Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PÓSURB-ARQ) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

e-mail: lucas.ricardo@puc-campinas.edu.br

RESUMO

O fim da Segunda Guerra Mundial e da era Vargas abre campo, no Brasil, para o debate sobre a necessidade de construção de uma agenda de planejamento voltada ao desenvolvimento econômico que visasse a consolidação do processo de industrialização do país. Frente a nova geopolítica mundial, o país se torna campo fértil para a atuação de consultores estrangeiros. Neste contexto, destaca-se o religioso francês Louis-Joseph Lebrete, fundador do Economia e Humanismo, que atuou no Brasil, através da Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais, órgão criado por ele em 1947, e que contribui com trabalhos de planejamento urbano e regional, durante os anos de 1950. Visando situar a inserção de Lebrete no meio brasileiro, este trabalho explora a abertura dada pela Escola de Sociologia e Política, para que o religioso francês ministrasse um curso junto a pós-graduação, que disseminou as preocupações e contribuições do Economia e Humanismo para as ações do planejamento. Neste trabalho, apresenta-se os tópicos abordados por Lebrete durante o curso e discute-se as ideias defendidas pelo Economia e Humanismo, que permitiram a criação da SAGMACS.

Palavras-chave: Lebrete; SAGMACS; Economia e Humanismo.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

The ending of World War Second and the Vargas period paved the way in Brazil for a debate on the need to establish a planning agenda focused on economic development aimed at consolidating the country's industrialization process. In the face of the new global geopolitical landscape, the country became fertile ground for the activities of foreign consultants. In this context, the French priest Louis-Joseph Lebre, founder of "Economy and Humanism," stands out. He worked in Brazil through the Society for Graphical and Mechanographic Analyses Applied to Social Complexes, an organization he established in 1947, and contributed to urban and regional planning projects during the 1950s. Aiming to contextualize Lebre's integration into the Brazilian milieu, this study explores the opportunity provided by the School of Sociology and Politics for the French priest to teach a graduate-level course, which disseminated the concerns and contributions of Economy and Humanism to planning initiatives. This paper presents the topics addressed by Lebre during the course and discusses the ideas advocated by "Economy and Humanism," which led to the creation of SAGMACS.

Keywords: Lebre; SAGMACS; Human Economy.

RESUMEN

El fin de la Segunda Guerra y de la era Vargas abre el camino, en Brasil, al debate sobre la necesidad de elaborar una agenda de planificación orientada al desarrollo económico que tuviera como objetivo la consolidación del proceso de industrialización del país. Ante la nueva geopolítica mundial, el país se convierte en un terreno fértil para la actuación de consultores extranjeros. En este contexto, destaca el religioso francés Louis-Joseph Lebre, fundador de Economía y Humanismo, quien actuó en Brasil a través de la Sociedad para Análisis Gráficos y Mecanográficos Aplicados a los Complejos Sociales, organismo creado por él en 1947, y que contribuyó con trabajos de planificación urbana y regional durante los años 1950. Con el fin de situar la inserción de Lebre en el ámbito brasileño, este trabajo explora la oportunidad brindada por la Escuela de Sociología y Política para que el religioso francés impartiera un curso en el marco de la formación de posgrado, lo que difundió las preocupaciones y contribuciones de «Economía y Humanismo» a las acciones de planificación. En este trabajo se presentan los temas abordados por Lebre durante el curso y se analizan las ideas defendidas por «Economía y Humanismo», que permitieron la creación de la SAGMACS.

Palabras clave: Lebre; SAGMACS; Economía y Humanismo.

INTRODUÇÃO

Provocado pela temática proposta para o Seminário de História da Cidade e do Urbanismo de 2026 e filiando-se ao eixo que aborda trajetórias, institucionalização e circulação de ideias no urbanismo, este trabalho se volta ao contexto pós Segunda Guerra, quando o Brasil desfrutava de considerável saldo na balança comercial, mas patinava na ausência de um projeto de desenvolvimento. O país saía da ditadura de Vargas (1930-1945) e, com Dutra (1946-1951), experimentava um alinhamento com os Estados Unidos, sem receber contrapartidas e benefícios da potência econômica-militar do Ocidente.

Neste momento, São Paulo era a cidade que mais crescia em população e ganhava notoriedade com o pujante parque industrial, que consolidava o desenvolvimento econômico desta região do país, sem considerar os gargalos socioeconômicos dos demais estados. O ensino superior – presente desde 1827 com o curso de Direito e mais tarde com as engenharias na Escola Politécnica (criada em 1893) e no Mackenzie College – se desenvolvia na área das ciências humanas que ganhava importância com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), em 1946, e da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), criada em 1933. Diferente da USP, concebida sob a ideia de universidade pública, e das instituições confessionais como a PUC e o Mackenzie, a ELSP foi criada por grupos da elite paulista empenhados em recuperar a hegemonia de São Paulo, após as revoluções de 1930 e 1932.

Conforme o Anuário de 1947, a ELSP foi constituída com caráter de “fundação”, por escritura pública outorgada por personalidades de destaque no meio social paulista, que doaram o necessário para o início do seu fundo patrimonial. Além disso, segundo o mesmo Anuário, a instituição era subvencionada pelo governo estadual desde 1936. O anuário também resgata que as preocupações da ELSP se davam na tentativa de “reorganização da vida econômica e política do país”, uma vez que, “em parte, os insucessos resultavam do desequilíbrio entre o ritmo acelerado do progresso material, [...] e ao incompleto aparelhamento do ensino ao qual faltava uma escola que disseminasse os conhecimentos [...] que pretendessem cooperar com órgãos da administração pública no estudo e solução dos problemas nacionais.” (ELSP, 1947, p. 4).

Para tanto, entre cursos livres, palestras e semanas de estudo, a ELSP contava com o curso regular de Ciências Políticas e Sociais e um Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. É neste programa que Louis-Joseph Lebret, padre dominicano da França, ministra, a convite do Prof. Cyro Berlink, diretor da ELSP, em 1947, uma disciplina intitulada Economia Social. É também graças a

PENSAR FORA DO EIXO

ELSP que o dominicano francês visita pela primeira vez o Brasil, e, entre abril e junho, conhece a cidade de São Paulo, tendo contato com intelectuais, empresários e políticos paulistas.

Através deste meio, Lebrecht funda a Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS), vinculada ao Centro de Economia e Humanismo, organismo também criado por Lebrecht, em 1941 na França. Segundo Roldan (2012), a SAGMACS “funcionou como um escritório de planejamento urbano de caráter interdisciplinar, reunindo religiosos, intelectuais, políticos, arquitetos, economistas, geógrafos e sociólogos, e que ao longo dos anos 1950 e 1960, foi responsável por estudos, projetos e programas de planejamento de desenvolvimento urbano e regional”. (Roldan, 2012, p. 122). Verifica-se assim a importância do curso ministrado por Lebrecht na ELSP, em 1947, na abertura da discussão sobre as preocupações com o desenvolvimento, que repercutiu em contribuições para o planejamento nos anos seguintes.

Desta forma, este trabalho pretende revisitar este ideário de formação do campo disciplinar do planejamento, analisando as contribuições de Lebrecht através do curso ministrado na ELSP. Para tanto, o primeiro tópico repercute breve trajetória de Lebrecht e a vinculação do Economia e Humanismo às questões que afligiam o planejamento urbano e regional. O segundo tópico apresenta as articulações para a vinda de Lebrecht ao Brasil, em 1947, e a importância que a ELSP teve neste contexto. Por fim, apresenta-se o curso de Economia Social desenvolvido no âmbito da disciplina de Pós-Graduação em Ciências Sociais e que reuniu, entre alunos regulares e especiais, 53 participantes, que instigou a fundação da SAGMACS.

Ao revisitar a primeira vinda de Lebrecht ao Brasil, visa-se contribuir para a discussão sobre a formação e a consolidação do urbanismo como campo disciplinar, compreendendo a trajetória de um importante personagem que formou equipes de planejamento no país, durante os anos 1950 e início dos anos 1960. Analisando os antecedentes da criação da SAGMACS e verificando em que medida a vinculação de Lebrecht junto ao meio intelectual e empresarial paulista permitiu o engajamento de corpo técnico em trabalhos empreendidos pelo braço do Economia e Humanismo no Brasil. Movimento que, à época de sua criação, pode ser lido como uma forma de se pensar fora do eixo.

AS IDEIAS E CONTRIBUIÇÕES DE LOUIS-JOSEPH LEBRET E DO ECONOMIA E HUMANISMO PARA O PLANEJAMENTO

No primeiro Seminário “Trajetórias (Biografias) Profissionais Urbanistas e Urbanismo no Brasil, realizado em 2013, em Brasília, Cestaro (2013) apresenta a trajetória do Frei Dominicano Louis-Joseph Lebreton, que atuou no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960, através da SAGMACS, instituição fundada, em 1947, com o apoio de intelectuais como Luiz Cintra do Prado e Lucas Nogueira Garcez¹. Anteriormente a sua estada no Brasil, Lebreton contribuiu para a criação do Centro de Economia e Humanismo (EH), fundado em Lyon, na França, em setembro de 1941, após um período de intensa mobilização junto ao meio católico, sindical e empresarial. De forma que, conforme a ata de fundação, “observa-se o nome de mais de cinquenta participantes” (Cestaro, 2019, p. 71), destacando os nomes dos economistas René Moreaux como presidente e François Perroux como vice-presidente, além do empresário Alexandre Dubois para a tesouraria e dos padres Lebreton e Suavet, respectivamente na secretaria geral e na secretaria adjunta. Segundo o Estatuto da Associação, o Economia e Humanismo foi constituído para:

Estudar as realidades humanas, econômicas e sociais do contexto atual; provocar, por meio de seus membros, o olhar do trabalho científico para se alcançar a elaboração de uma doutrina econômica, espiritualista, colocando a economia a serviço do homem; e suscitar o senso dos diversos profissionais ou de certas categorias econômicas, das técnicas e dos profissionais capazes de determinar as condições concretas do Bem Comum na sua profissão ou na sua região de trabalho, de forma a propiciar a participação de esforços públicos e privados na reorganização econômica e profissional. (Economia e Humanismo, 1941).

No momento em que o Economia e Humanismo foi fundado, a França estava ocupada pelas tropas nazistas, o que não intimidou Lebreton a seguir com seu trabalho frente ao grupo, que num primeiro momento limitou-se à criação e aprimoramento de um método empírico-analítico para interpretação dos problemas presentes na sociedade moderna.

Próximo ao fim da guerra, o método desenvolvido pelo EH era exposto, em 1944, por Lebreton, na Sessão de Marseille, promovida pelo grupo como forma de disseminação das ideias do dominicano. Conforme Cestaro (2019), “o documento em que se firma o método de EH é intitulado de “La Méthode d’Économie et Humanisme” e foi exposto por Lebreton e Henri Desroches, destacando a composição a partir de perspectivas históricas e perspectivas

¹ Além de engenheiro e professor da Escola Politécnica de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez foi eleito governador do estado de São Paulo, em 1950, e exerceu o mandato no período de 31/01/1951 a 31/01/1955.

PENSAR FORA DO EIXO

metodológicas, mencionando o filósofo René Descartes, sobre a regra do pensamento da ação, “embora afirme-se ali que não se pretendia realizar uma analogia a Descartes, mas sim imitar seu método de forma mais simples” (Cestaro, 2019, p. 100). Para Lebret e Desroches os membros do EH deveriam se engajar na defesa de quatro ideias que são impostas como a doutrina para o grupo, como que:

- 1) A ação espiritual e a ação temporal devem caminhar conjuntamente;
- 2) O pesquisador precisa se despir da experiência concreta que ele trazia sobre cada setor, e da visão que tinha sobre os conflitos que existiam entre as técnicas novas, técnicas de produção, técnicas de troca, com as estruturas antigas;
- 3) Eliminasse o que Lebret identificava como aspectos do mal moderno: proletarização, concentração, queda da produção, êxodo rural, desequilíbrio entre indústria e artesanato;
- 4) Reorganizar os quadros profissionais num plano internacional, superando o antagonismo da classe para instaurar um sindicalismo que tenha participação efetiva na reorganização da profissão. (Economia e Humanismo, 1944).

O documento apontava ainda que “a arquitetura de Economia e Humanismo é uma arquitetura de equipes”. E trazia diretrizes para o funcionamento desta equipe, bem como para a captação de trabalho pelo EH, dizendo que a equipe central deve se aproximar da elite para se constituir em mais comunidades de trabalho.

Com o fim da guerra os países europeus iniciaram um processo de reconstrução de suas cidades e de seu parque industrial, que tinham sido arrasados pelos bombardeios sofridos durante os anos de conflito. Na França, a agenda de reconstrução dessas cidades e a criação do Ministério de Reconstrução e Urbanismo abriu espaço para que algumas ideias relativas à questão habitacional, à organização econômica e o urbanismo fossem discutidas na sociedade. Fato que abre caminho para o Economia e Humanismo se aproximar das discussões sobre o planejamento urbano e regional, ao passo de se criar instituições como o CREDOC (*Centre Regional de Documentation et de Conjoncture*), o IMSAC (*Institut Marseillais de Statistique et d'analyse et de Conjoncture*) e a SAGMA (*Société pour l'application du Graphisme et de la Mécanographie à l'analyse*), que foram contratadas para desenvolvimento de trabalhos pelo Ministério de Reconstrução e Urbanismo.

É importante destacar, que se o temário da cidade e do planejamento urbano e regional ganha espaço junto ao Economia e Humanismo somente no pós-guerra, Cestaro (2019) aponta que Lebret, anteriormente a 1945, havia apresentado “à *École d'Uriage*, em 1941, um projeto para introduzir o estudo sobre a cidade, intitulado ‘A Cidade: Projeto de um

PENSAR FORA DO EIXO

programa de pesquisa e de um programa de ação”’. (Cestaro, 2019, p. 90). Além dos estudos de Cestaro (2013 e 2019) sobre Lebrete e o Economia e Humanismo, o percurso de introdução das preocupações com as questões urbanas junto ao grupo francês foi estudado por Pelletier (1996), Leme e Lamparelli (2001), Valladares (2005), Pontual (2011 e 2016), Roldan (2012) e Angelo (2013).

Para este trabalho, utiliza-se como fonte documental a documentação referente ao curso de Economia Social ministrado por Lebrete, na ELSP, em São Paulo, no período de abril a junho de 1947. Investiga-se o Anuário da ELSP, referente ao ano de 1947, o conteúdo programático preparado por Lebrete e a apostila desenvolvida por ele e depositada no Arquivo da França, em Fontainebleau. Além das fontes documentais, destaca-se a complementação de informações através dos trabalhos dos autores mencionados, que contribuem para elucidar a trama de relações que permeou a inserção do religioso francês no Brasil.

A DISSEMINAÇÃO DO ECONOMIA E HUMANISMO E A BUSCA DE LEBRETE PELA LEGITIMAÇÃO DE UM MÉTODO NO MEIO ACADÊMICO

Para além da França, e diante de uma nova estrutura geopolítica inaugurada no pós-guerra, em que países europeus sofreram declínio de sua hegemonia política e cultural em relação à ascensão dos Estados Unidos e a polarização com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, as intenções de Lebrete e do Economia e Humanismo mostram-se ambiciosas, de forma que era preciso extrapolar a difusão das suas ideias para além do território francês. Neste sentido, Valladares (2005) aponta que, no Brasil, o dominicano contava com vias de abertura às suas ideias através da “influência espiritual sobre a juventude católica, especialmente a JUC – Juventude Universitária Católica).” (Valladares, 2005, p. 80).

Além da ressonância de suas ideias sobre o meio católico, é importante destacar que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, assinava a revista editada pelo Economia e Humanismo, desde a terceira edição, no ano de 1942, colocando em circulação os exemplares à disposição dos estudantes na biblioteca.

Sobre a primeira vinda de Lebrete ao Brasil, além de Valladares (2005), Angelo (2013) aponta que “desde a criação do EH e o fim da guerra, (Lebrete) tinha a intenção de buscar novas frentes de atuação para além do território francês, onde fosse possível aprofundar o método

PENSAR FORA DO EIXO

de pesquisa e divulgar o pensamento de seu grupo” (Angelo, 2013, p. 59), apontando que “a abertura para a vinda de Lebrete ao Brasil veio do diretor da ELSP” (Angelo, 2013, p. 59). Além disso, Pelletier (1996) sugere que a questão financeira que envolvia o grupo, apontava a necessidade de ampliação de suas frentes de trabalho a fim de se equilibrar o orçamento do EH.

Angelo mapeou a forma com que se deu a vinda de Lebrete ao Brasil e aponta, que o primeiro contato teve início em 1941, através do frei dominicano brasileiro Romeu Dale, que frequentou o Convento de Saint Maximin na França e, mais tarde, trabalhou com Lebrete em Marseille. “Dale também se mostrava interessado em constituir um Centro de EH no Brasil e na América Latina quando retornasse ao Brasil” (Angelo, 2013, p. 59). Segundo a autora, em 1946, Dale “intermediou o contato entre o diretor da ELSP, Cyro Berlinck, e Lebrete” (Angelo, 2013, p. 60).

Para Cestaro (2019), o interesse pela ELSP consistia para além do movimento de expansão do EH, mas também na tentativa de legitimação de um método de trabalho, que ainda não havia sido alcançado junto ao meio intelectual francês. Assim, “seguir para o Brasil para ministrar um curso em nível de pós-graduação junto a uma instituição de ensino superior parecia abrir para Lebrete a chance de conquistar um espaço junto ao meio acadêmico” (Cestaro, 2019, p. 113). Cabe destacar, que também em 1947, “junto a Divisão de Estudos Post-Graduados foi criada a Seção de Economia, e experimentalmente, a Seção de Estatística” (ELSP, 1948, p. 18). A Divisão tinha como Decano, o Prof. Dr. Donald Pierson e como sub-decanos o Prof. Alexandre Kafka na Seção de Economia e o Prof. Pedro Egídio de Carvalho na Seção de Estatística.

Segundo Roldan (2012), “as posições de Lebrete vão ao encontro do projeto da ELSP que é (naquele período) igualmente crítico ao liberalismo econômico (e ao Estado autoritário) e reivindica uma ‘intervenção estatal’ nas questões sociais, tendo como perspectiva as pesquisas empíricas como subsídio para a política pública.” (Roldan, 2012, p. 100). Conforme o Anuário da ELSP (1948, p. 5), destaca-se entre os objetivos da instituição:

- I - Proporcionar conhecimentos objetivos sobre a origem, funções e necessidades do meio social;
- II - Formar, assim, um grupo numeroso de indivíduos que pudesse não só colaborar eficaz e conscientemente na solução dos problemas da administração pública e particular, como também, eventualmente, orientar o povo e a nação no reajustamento indispensável ao moderno equilíbrio social. (ELSP, 1948, p. 5).

PENSAR FORA DO EIXO

O Anuário aponta ainda a intenção da instituição ser um campo vasto para os estudiosos “que pretendem ocupar posição de relevo na administração pública ou das grandes empresas, bancos, companhias de transporte, organizações industriais, comerciais e agrícolas, sindicatos e cooperativas” e “aos que tencionam colaborar [...] na direção dos negócios públicos.” (ELSP, 1948, p. 7). Salientando ainda uma preocupação em qualificar os depositários de mandatos eleitorais.

De forma mais específica sobre a vinda de Lebre, constata-se no Anuário de 1948, que a instituição firmou em janeiro de 1947 um contrato com o Serviço Social da Indústria (SESI) para desenvolvimento de estudos adiantados de Economia. “Com os fundos recebidos foram contratados 8 professores visitantes, que deram 12 cursos, tendo proferido 226 aulas para as quais houve 249 inscrições.” (ELSP, 1948, p. 18).

A DISCIPLINA DE ECONOMIA SOCIAL MINISTRADA POR LEBRET NA ELSP

Na Pós-Graduação em Ciências Sociais, Lebre ministra a convite da ELSP, por um período de três meses, dentro do calendário semestral da instituição, a disciplina de Economia Social. O programa da disciplina foi dividido em quatro grandes temas, expostos por Lebre em 36 créditos de aulas, ocorridas às segundas e sextas-feiras, no período matutino, durante os meses de abril e junho. Há também uma apostila produzida por Lebre, em francês, disposta em quatro volumes que alcançam mais de 400 páginas, onde ele expõe a divisão do curso em três partes.

A apostila produzida por Lebre traz a distribuição dos temas e subtemas das 36 aulas ministradas na ELSP. Apresenta-se a seguir a sequência dos subtemas abordados nas aulas, de acordo com o programa disponibilizado pela ELSP²:

1. Fracasso Humano no mundo moderno.
2. Crítica da economia política.
3. – 7. A reação marxista (5 aulas).
8. A reação nazista.
9. Os ensaios corporativistas.
10. – 12. A planificação soviética (3 aulas).
13. – 15. Bases e exigências da economia humana (3 aulas).
16. Lugar da economia humana entre as ciências.

² O programa foi obtido junto ao Anuário de 1948 da ELSP e também consultado junto ao *Fonds Lebre*, em Fontainebleau, na Pasta AN45 AS155 e na Pasta AN45 AS144, onde estão depositados os volumes da apostila de preparação do curso elaborado por Lebre.

PENSAR FORA DO EIXO

17. As unidades territoriais em economia humana.
- 18 – 22. A análise em economia humana (5 aulas).
23. Conjuntura Humana e Conjuntura Econômica.
24. – 28. Elementos dum “sistema” em economia humana (5 aulas).
29. A economia humana e a política.
30. A economia humana e a espiritualidade cristã.
31. – 35. Passagem da economia atual à economia humana (5 aulas).
36. Necessidades de um movimento espiritual.

As aulas foram iniciadas em 14 de abril de 1947. Na estreia Lebrecht se dedica à exposição do programa do curso e à elaboração de uma análise da conjuntura mundial, tratada por ele como o “fracasso do homem no mundo moderno”. De forma esquemática, aponta para o que chamava de místicas presentes no mundo moderno, que se pode traduzir como as crenças e matrizes norteadoras do ideário humano naquele período pós-guerra. Para ele, as místicas do mundo moderno estariam vinculadas às crenças sobre a liberdade na ciência, o progresso técnico, o lucro e o trabalho e produtividade. Estes dois últimos – lucro e trabalho e produtividade –, seriam os responsáveis por desdobrar-se em problemas como a falta de investimentos, falta de crédito e o aumento da inflação.

Lebrecht aponta que na última guerra foram gastos cerca de seiscentos e sessenta e seis milhões de dólares pelos países protagonistas, como a Alemanha, Itália, Japão, Estados Unidos, Grã-Bretanha e URSS, mostrando assim uma contradição entre estes gastos e o baixo investimento no desenvolvimento econômico e atendimento dos anseios da classe trabalhadora por melhores condições de vida. O dominicano chama isto de “uma nova barbárie”, apontando que “o homem mostrou o quanto ele é capaz de dar livre curso aos seus instintos bárbaros” (Lebrecht, 1947).

A guerra endêmica do mundo moderno não é apenas a guerra das nações com armas, mas a tensão permanente e crescente entre forças opostas, que pode ser manifestada por constante oposição ao plano de intercâmbio entre os grupos e entre os povos. (Lebrecht, 1947: 1ª parte).

O mundo moderno é muito marcado por seu desequilíbrio, multiplicando clínicas, asilos, previdências. Ele quer salvar os fracos, mas na guerra sacrifica os milhares mais fortes. É sensível ao extremo, mas Gestapo e Guépéou são capazes dos piores crimes.

[...]

Ele está preocupado com a urbanização das grandes cidades, mas ele não sabe respeitar o campo rural. A grande cidade, no entanto, é sempre prejudicial para a grande maioria de seus habitantes. (Lebrecht, 1947: 1ª parte).

Na segunda aula do curso Lebrecht indica a leitura de “O Capital”, de Marx, para seus alunos, aconselhando “a todos que lessem a obra completa, prevenindo que sem essa leitura seria difícil a compreensão de suas conferências” (Angelo, 2013, p. 70). A leitura de Marx consistia em permitir

PENSAR FORA DO EIXO

aos alunos a interpretação da realidade social e econômica do período, não configurando propriamente uma filiação de Lebrecht ao marxismo. A recomendação da leitura de “O Capital” marca o início das aulas dedicadas a estudar os pensamentos econômicos vigentes e as ideias dos economistas e pensadores econômicos do período, considerados por Lebrecht como os responsáveis pelas desordens do mundo.

Depois de considerarmos o fracasso humano, teríamos de olhar para o fracasso dos intelectuais que tinham a missão de sondar o desconforto do mundo e propor formas para resolvê-los. Esses intelectuais falharam, foram filósofos, sociólogos, economistas, políticos, teólogos. Nós restringiremos nossa avaliação aos economistas, que têm, talvez, a responsabilidade mais direta do distúrbio universal. (Lebrecht, 1947, Vol. I).

Sabendo das desconfianças existentes entre os mais conservadores em relação à obra de Marx, tenta justificar sua escolha apontando que:

Para compreender a situação do mundo moderno, temos que começar por estudar os grandes filósofos e revolucionários, indo diretamente para os grandes mestres, sem se perder em estudos de menor valor. [...] O que eu trago para vocês é só um plano para a direção de sua própria investigação. Levei 20 anos para analisar e compreender gradualmente as estruturas do mundo. Vão levar, provavelmente, muitos anos de observação e experiência antes que vocês possam abrir as portas para o mundo com um olhar objetivo. (Lebrecht, 1947, Vol. I).

Assim, Lebrecht se dedica à exposição da aula intitulada como “Crítica à economia política” e aponta que a mesma se divide em 3 abstrações teóricas: a economia axiomática, a economia matemática e o marginalismo. Para ele, a economia axiomática faz uma certa observação da realidade econômica, através das leis e dos princípios da matéria, considerando o todo sem recorrer ao emprego sistemático de fórmulas matemáticas. É voltada para pesquisar os princípios da beneficência, da livre concorrência e da lei da oferta e da procura. A economia matemática busca analisar mais precisamente o fato econômico e considera todas as suas dimensões através de fórmulas. Visa, assim, determinar fórmulas para as funções e variáveis diversas, empregando o domínio da física e, com isso, segundo Lebrecht, se esquece que o domínio humano é indeterminável.

Já a economia marginal é exposta por Lebrecht de forma menos crítica, podendo-se perceber maior simpatia do dominicano por esta escola empregada pelos norte-americanos e vienenses. Para ele, a economia marginal representa um dos esforços mais interessantes da Economia Política, pois ela faz uma análise mais precisa da oferta e da procura e se utiliza de fórmulas, como a derivada e a representação gráfica, para discutir seus métodos e resultados.

PENSAR FORA DO EIXO

Tecendo críticas sobre o mundo moderno e a economia política, e ciente do descontentamento da classe operária com as condições de vida, bem como das dificuldades do empresariado em sensibilizar-se com estas condições, Lebret faz um apelo aos estudantes que o assistiam questionando: “Os homens não vão reagir? Irão aceitar seu próprio fracasso? O próprio homem vai aceitar o seu destino?” (Angelo, 2013, p. 73). Desta forma,

Lebret incitava seu público a conhecer as obras de Marx, tendo algumas de suas afirmações “ampla repercussão nos meios católicos, pois aquele sacerdote refutou, com a sua inegável experiência e conhecimento dos problemas, a argumentação da ala reacionária da igreja (católica)”. (Angelo, 2013, p. 73).

O dominicano busca então apresentar o marxismo como um método científico de análise econômica e, para tanto, sistematiza o pensamento do filósofo alemão, apresentando em sua apostila uma tabela sobre as ideias de Marx, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1. Sistematização de Lebret sobre as ideias de Marx

	Contra Uma fase de divisão	Para Uma fase de integração	Pela Promoção Final
	1. A divisão em classes	Unidade de uma sociedade sem classes	A luta de classes
A alienação na família	2. A divisão de sexo e a família jogando contra a pessoa (o homem)	A união livre	Um novo tipo familiar baseado na superação da propriedade capitalista
As alienações	3. A divisão do capital e do trabalho	A unificação do capital e do trabalho baseado: Na posse comum da propriedade dos instrumentos de produção social	A expropriação da propriedade dos instrumentos de produção social
Econômicas	4. A divisão do trabalho no geral	A liquidação do trabalho desigual	Para o progresso mecânico e uma nova organização do trabalho
	5. A divisão do trabalho em industrial e agrícola e consequentemente a divisão da cidade e do campo	A combinação do trabalho industrial e agrícola e a superação da dicotomia entre o campo e a cidade	A alternância das atividades, a mecanização rural e a descentralização industrial
	6. A divisão entre trabalho intelectual e manual	A combinação da educação e da produção	Uma nova pedagogia
	7. A divisão dos homens e a concorrência entre eles	A organização unificada da produção	O planejamento
Política	8. A divisão do homem entre ele mesmo e sua consciência política	A unidade de uma existência concreta e de sua consciência política que se exprima num	A ditadura do proletariado

PENSAR FORA DO EIXO

		desaparecimento do Estado	
Religiosa	9. A divisão do homem entre ele mesmo e sua consciência religiosa	A unidade de sua existência social e de sua consciência expressa num ateísmo	A disparidade das contradições sociais, a propaganda racionalista e os casos antirreligiosos

Fonte: Lebrete, 1947, apresentado por Cestaro (2019, p. 131).

Da mesma maneira utilizada para resumir as principais ideias de Marx, a apostila aponta uma tabela sistematizada por Lebrete sobre as ideias e diretrizes do nazismo, assunto abordado na oitava aula do curso, conforme apresentaremos a seguir³.

Quadro 2. Sistematização de Lebrete sobre as ideias do nazismo

Contra	Para	Pela Promoção
1. O capital internacional 2. O comunismo russo e internacional 3. A justiça 4. A democracia 5. A deterioração do sangue alemão	O povo alemão A Humanidade	a) um responsável b) autoritário c) fundação do Estado Racista d) Emprego de meios necessários para o triunfo da ideia: - a violência - a organização - a propaganda - o exército - a educação - o sacrifício

Fonte: Lebrete, 1947, apresentado por Cestaro (2019, p. 132).

A primeira parte do curso é encerrada com três aulas voltadas à discussão do planejamento pela URSS e uma aula específica sobre o pensamento de Lenin, líder da revolução soviética. Lebrete expõe que o “leninismo” é o marxismo da época imperialista e da revolução do proletariado, e seria para ele, numa visão teórica, a tática estratégica da ditadura do proletariado. Explica para seus alunos que,

O “Leninismo” é baseado na perspectiva dialética da oposição burguesia X proletariado. A vitória do proletariado está no movimento da história. Como ela

³ Conforme Cestaro, “enquanto a exposição de Lebrete sobre o pensamento de Marx rendeu artigos de jornais, críticas de setores da igreja católica e certa apreensão no meio empresarial, a exposição sobre a “reação nazista” não rendeu tamanha repercussão.” (Cestaro, 2019, p. 132).

PENSAR FORA DO EIXO

libertará o homem de sua tripla alienação imposta pelos capitalistas, de que o Estado é divino, é o objetivo supremo. (Lebret, 1947, Vol. I).

Após esta primeira parte, dedicada a expor uma análise da conjuntura presente no mundo moderno, e, sobretudo, no contexto do pós-guerra, além da passagem pelas correntes de pensamento econômico identificadas como anticapitalistas, Lebret inicia a segunda parte de seu curso. Nela, o dominicano buscará apresentar a Economia Humana como um contraponto à Economia Política, expondo que a principal diferença entre ambas estaria no fato de a “ciência” defendida por Lebret colocar o homem como o centro das decisões e não como um dado econômico, como é tratado na visão mais tradicional da economia política.

Como um dos objetivos de Lebret ao ministrar estas aulas na ELSP era difundir o método da Economia Humana, então, apesar de um pouco mais simpático ao marginalismo, a apresentação de Lebret é feita de forma a criticar a Economia Política em suas três abstrações teóricas. Para ele, nenhuma delas era centrada no homem, ao contrário das linhas mestras que configuravam a atuação teórica do Economia e Humanismo.

Assim, a definição do que seria a Economia Humana é feita por Lebret na segunda parte do curso, a partir da vigésima quarta aula, quando o padre se propõe a discutir o tema “Lignes d’Orientation d’une Économie Humaine”. Segundo Lebret, diferentemente da economia política, a economia humana “vincula-se à política acessível, vista como estratégia e tática para transformação das estruturas”. (Angelo, 2013, p. 74). E buscando respaldo acadêmico, aponta se tratar de “uma ciência humana, da ciência de um homem social e dos melhores quadros da vida humana e da economia humanista que a coordenação de todas as ciências deveria executar.”

Lebret apresentou, além dos postulados e conceitos da Economia Humana, os seus precursores, e nesse ponto expôs a influência direta de Frédéric Le Play: “Ainda no século XIX, cristãos sociais, marxistas, anarquistas; bem antes de nós, socialistas sinceros, comunistas e corporativistas, viam a necessidade da economia humana sem serem capazes de estabelecê-la. A aspiração fundamental dos homens generosos de nossa geração era a economia humana”. Lebret considerava como precursores da economia humana “os inventores do método de análise científica, dos fatos sociais, certos católicos da primeira metade do século XIX, e vários teóricos anarquistas”. No primeiro grupo, dos inventores do método de análise científica, Lebret destacou Le Play e sua escola, a escola estatística e os conjunturistas. No segundo grupo, os teóricos posteriores; e, por último, os libertários, como Pierre Kropotkine. (Angelo, 2013, p. 74).

Nas primeiras aulas da segunda parte do curso, Lebret questiona os estudantes sobre como seria possível implementar uma economia humana, num momento em que o homem se voltou para si mesmo, arraigado em valores do materialismo, do individualismo e do consumismo. Para Lebret,

PENSAR FORA DO EIXO

neste contexto, a educação econômica e cultural do homem do campo era ainda mais difícil do que a dos trabalhadores urbanos. Isso tudo fazia parte do que ele chamava de alienação por completo, ou seja, onde não havia cultura alguma, nenhuma iniciativa, e, portanto, nenhuma possibilidade de desenvolvimento.

A resposta para a questão formulada por Lebrecht só chega na última parte do curso, voltada à exposição do que é chamado de transição para uma economia humana. Assim, o que se percebe na segunda parte do curso é um aprofundamento dos assuntos discutidos nas primeiras aulas, quando Lebrecht tece sua impressão sobre a conjuntura mundial.

Nesta segunda parte, Lebrecht busca mostrar certo pioneirismo do Economia e Humanismo na formulação de um método de análise e na organização do que ele intitula de uma nova “ciência”, que seria a economia humana, em concorrência direta com a economia política. Ainda que buscasse seu lugar como formulador pioneiro desta economia humana, a exposição do método deixa clara sua filiação aos métodos da estatística e da economia doméstica desenvolvida por Le Play na virada do século XIX para o XX, na França, e também de sua simpatia às ideias de Marx e Engels, filósofos alemães que teceram um contraponto teórico ao capitalismo.

Na parte final do curso, Lebrecht expõe como seria a atuação da economia humana, apontando que ela parte das postulações do bem humano, entendidas como maneiras de salvaguardar o homem utilizando os métodos da observação, experimentação e indução, para que as pessoas estudadas sejam inseridas no contexto do local, e, posteriormente, num espectro mais amplo, na conjuntura econômica mundial. Seis princípios são apontados por Lebrecht para o funcionamento de uma economia humana, iniciando-se com o respeito à natureza humana. O segundo princípio é a busca pelo mínimo e necessário à vida. A seguir vêm a solidariedade (3), a cooperação (4), o equilíbrio do homem (5), onde são feitos apontamentos sobre o cuidado com a saúde das famílias, e, por fim, o progresso (6).

Os princípios expostos por Lebrecht apontam sempre para a ideia de se alcançar um desenvolvimento harmônico, buscando-se a conciliação entre as ideias do capitalismo e do socialismo. Sobre um dos pontos mais caros ao socialismo, Lebrecht expõe sua contrariedade, refutando o propósito de Marx e dos soviéticos de acabar com a propriedade privada. Ao mesmo tempo, porém, defende que o homem deveria viver com um mínimo, tendo somente uma propriedade voltada para suas necessidades, pois, sem esta propriedade não haveria condições de se alcançar o desenvolvimento.

PENSAR FORA DO EIXO

Na medida do possível, o homem deve ter o mínimo de bens de consumo que lhe permitam viver como um homem que é para manter e melhorar a sua vida e dar a vida. Esse mínimo tem a propriedade absolutamente essencial para a vida e morte, pois sem esta propriedade ele não tem acesso à vida digna. Podemos chamá-los de bens essenciais e distingui-los em produtos estritamente de subsistência e de dignidade (Lebret, 1947, Vol. III).

Se a visão de Lebret sobre a propriedade privada o distancia das ideias socialistas, sua posição contrária ao consumo e à acumulação, presente no liberalismo econômico, também o afasta da matriz capitalista. Desta forma, percebe-se que os apontamentos de Lebret sobre o que seria a Economia Humana, levam a percepção de identificação com a Encíclica “Rerum Novarum”, de 1891, que foi responsável pela instituição da doutrina social da igreja católica. O documento redigido pelo papa Leão XIII reconhece a sociedade de classes, e ao mesmo tempo combate o conceito marxista de luta de classes, expondo que seria impossível a elevação de todos indivíduos ao mesmo nível. É importante lembrar que, a “Rerum Novarum” não é um documento citado por Lebret durante o curso da ELSP.

Esta constatação leva a outro ponto que permite avaliar a repercussão obtida por Lebret através do curso ministrado em São Paulo. Pois, ainda que tenha adotado um tom de conciliação entre as ideias presentes na economia política e a defesa de uma economia humana, de forma a resultar num desenvolvimento harmônico, observa-se que a recepção no Brasil às ideias de Lebret foram interpretadas como avançadas demais. Sendo rejeitadas pelo meio empresarial mais liberal, quanto para o clero mais conservador.

Ainda assim, para além da ELSP, Lebret teve a oportunidade de difundir suas ideias para além do curso de Economia Social ministrado. Durante a estada no Brasil, Lebret visitou outras cidades, como o Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre e ministrou palestras sobre a Economia Humana. Citando artigos de Alceu Amoroso Lima sobre a passagem de Lebret pelo Rio de Janeiro e São Paulo, Quinta (2023) aponta que “as ideias de Lebret e de seu movimento começaram a circular nos círculos católicos, intelectuais e empresariais”, apontando o impacto que “o espírito comunitário irradiado por EH começava a ser espalhado pela América do Sul, tendo em vista que Lebret estava a realizar um périplo por Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.” (Quinta, 2023, p 7).

Constata-se assim, que mesmo diante de um quadro de contrariedade, desconfiança da igreja católica e temor às ideias de Lebret, as contradições vigentes tanto no cenário político, quanto empresarial e religioso, permitiram instituir a cooperação formal de brasileiros com o

PENSAR FORA DO EIXO

Centro de Economia e Humanismo francês, através da criação da SAGMACS, vinculado ao padre Lebrete e com apoio do Convento dos Dominicanos de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a primeira vinda de Lebrete ao Brasil tenha rendido repercussões controversas, como a desconfiança de parte da igreja católica e inclusive o incômodo do governo federal, foi em 1947, sobretudo em São Paulo, através do curso oferecido pela ELSP, que o dominicano francês estabeleceu relações com religiosos e dirigentes ligados à política, indústria, economia e intelectuais ligados à universidade. Assim, verifica-se que o curso ministrado por Lebrete na ELSP teve forte relevância para a disseminação das ideias do Economia e Humanismo, e do próprio religioso, para angariar adeptos ao grupo francês, rendendo no Brasil, a criação da Sociedade para Análises Gráficas e Mecnográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS).

Devido às condições econômicas de São Paulo, Lebrete enxergava naquela região do país o campo fértil para a expansão do Economia e Humanismo na América Latina, tentando empregar seus métodos de análise para desvendar os problemas do subdesenvolvimento e abrir espaço para um modelo de economia mais harmônica. Dessa forma, a SAGMACS é criada em julho de 1947, surgindo como possibilidade do EH implantar uma espécie de laboratório em territórios, reconhecidos à época, como terceiro mundo, fato que à época pode ser lido como formas de se pensar fora do eixo.

Para viabilizar o funcionamento da SAGMACS, Lebrete estreitou seus laços com importantes lideranças empresariais e intelectuais, como os engenheiros Prof. Lucas Nogueira Garcez e Prof. Luiz Cintra do Prado, ambos da Escola Politécnica da USP; o Prof. Luiz Anhaia Mello (escolhido como primeiro diretor da SAGMACS), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP; o sociólogo norte-americano Frank Goldman; o empresário Olívio Gomes, o Desembargador João Batista de Arruda Sampaio, além de jovens com aspirações políticas como Wladimir Toledo Piza (que ocupou o cargo de prefeito de São Paulo entre 1956-1958), André Franco Montoro (eleito governador em 1982), Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto (eleito governador em 1958) e Darcy Passos (eleito deputado federal na redemocratização do país, em 1982).

Em relatório do EH sobre trabalhos em realização pelas equipes do grupo, nos anos de 1948 e 1949, há menção à equipe da SAGMACS, e sobre os trabalhos que estavam em curso naquele momento, incluindo-se a pesquisa sobre a condição habitacional na cidade de São Paulo, publicado

PENSAR FORA DO EIXO

em 1952 na Revista do Arquivo. Além deste trabalho, o relatório menciona que, no mesmo período, o grupo brasileiro pesquisava e produzia relatórios sobre “as condições das crianças abandonadas na cidade e no estado de São Paulo”, sobre o “pensamento social dos estudantes universitários paulistanos e suas condições de vida”, sobre “a condição dos trabalhadores do Jóquei Clube” e “sobre os problemas de nutrição na infância”.

Com a ascensão de Garcez ao governo de São Paulo, Lebrete retorna ao país em 1952, e a SAGMACS é contratada através do Comitê da Bacia Paraná Uruguai (CIBPU) e do governo paulista para um trabalho de grande porte, que consolidou a equipe como uma instituição de planejamento. Através da CIBPU a SAGMACS coordena a pesquisa “Problemas de Desenvolvimento: estudo das necessidades e possibilidades do Estado de São Paulo” – que foi objeto de pesquisa na tese de Chiquito (2017). A partir deste trabalho para a CIBPU, a SAGMACS passa a atuar em outras regiões do país, envolvendo grande número de profissionais de arquitetura, engenharia, economia, geografia e direito. As atividades do grupo são encerradas em 1964 em função do golpe militar, sendo o escritório desmontado em 1966.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Michelly Ramos de. **Louis-Joseph Lebrete e a SAGMACS: a formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2013.

CESTARO, Lucas Ricardo. **Planejamento Urbano e Regional no Brasil: as ideias, planos e contribuições de Lebrete e da SAGMACS**. São Paulo: Annablume, 2019.

CESTARO, Lucas Ricardo. “A SAGMACS e o estudo da aglomeração paulistana”. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**. V. 5, n. 1, 2013, p. 6-24.

CHIQUITO, Elisângela de Almeida. **A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai: do planejamento de vale aos polos de desenvolvimento**. São Paulo: Alameda, 2017.

ÉCONOMIE ET HUMANISME. Rapport sur l’activité du Centre d’analyse économique et sociologique (1948-1949). Rhône: 1949. (Documento não publicado consultado no Fonds Lebrete, Pasta AN45 AS182).

ÉCONOMIE ET HUMANISME. La Methode d’Économie et Humanisme. Marseille: 1944 (Documento consultado no Fonds Lebrete, Pasta AN45 AS44).

ÉCONOMIE ET HUMANISME. Statuts d’Économie et Humanisme. Rhône, 1941 (Documento consultado no Fonds Lebrete, Pasta AN45 AS44).

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. Anuário da ELSP – décimo quarto ano letivo. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política, 1948.

PENSAR FORA DO EIXO

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. Anuário da ELSP – décimo quarto ano letivo. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política, 1947.

LEBRET, Louis-Joseph. Estudos Post-Graduados de Economia Social. Escola Livre de Sociologia e Política. São Paulo, 1947 (Documento consultado no Fonds Lebet, Pastas AN45 AS144 e AN45 AS155).

LEBRET, Louis-Joseph. Lignes maitresses d'une Économie Humaine. Marseille, 1944 (Documento consultado no Fonds Lebet, Pasta AN45 AS45).

LEBRET, Louis-Joseph. La Cité. Projete d'un Programme d'Enquete et d'un Programme d'Action. École de Cadres d'Uriage. 1942 (Documento consultado no Fonds Lebet, Pasta AN45 AS67).

LEME, Maria Cristina da Silva e LAMPARELLI, Celso Monteiro. "A politização do urbanismo no Brasil: a vertente católica". **Anais do IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional**. Rio de Janeiro, 2001.

PELLETIER, Dennis. **Économie et Humanisme: de l'utopie communautaire au combat pour le tiers monde (1941-1966)**. Paris: Éditions du Cerf, 1996.

PONTUAL, Virginia. **Louis-Joseph Lebet na América Latina: um exitoso laboratório de experiências em planejamento humanismo**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

PONTUAL, Virginia. "O engenheiro Antônio Bezerra Baltar: práticas urbanísticas, CEPUR e SAGMACS". **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 1, 2011, p. 151-169

QUINTA, Hugo. "Padre Lebet, Frei Benevenuto e o Movimento Economia e Humanismo em São Paulo (1947-1966)". **História (São Paulo)**. Vol. 42., 2023, p. 1-30.

ROLDAN, Dinalva Derenzo. **Um ideário urbano em desenvolvimento**. A experiência de Louis-Joseph Lebet em São Paulo de 1947 a 1958. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 2012.

VALLADARES, Licia do Prado. **A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e França**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.